

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talhava-Lisboa • Telefone 7
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PROTESTO NECESSÁRIO

FALE, PORTANTO, O POVO, MAS FALE ALTIVAMENTE!

Principia a obra do governo e da Moagem a produzir os seus naturais efeitos. O pão chamado de "família" começa a rarear nas padarias, a cujas portas permanecem longas horas as mulheres proletárias, que em grande número recolhem às suas habitações sem pão ou levando-o então ao fantástico preço de 1\$64 o quilo, o que é uma coisa pavorosa.

Como consequência, desenham-se os primeiros conflitos, que certamente crescerão de volume se os governantes, reflectindo a tempo nos resultados da sua desgraçada medida, e num acto inteligente, não revogarem imediatamente essa monstruosa que tam sensivelmente vem afectar o povo.

Entretanto, compete à classe operária e igualmente às mulheres — que muito sofrem, moral e materialmente, neste momento — acorrer às reuniões que os organismos sindicais estão realizando, no intuito de exteriorizarem a sua indignação e o seu protesto contra uma lei que não pode ser cumprida, porque ela condena à fome a população dum grande parte do país.

Causa e efeitos

NOTAS & COMENTARIOS

Onde iremos parar? Difícil é prever-lo. Mas, a continuar este lamentável estado de coisas, provocado pelos negociantes, é natural que em breve estejamos num verdadeiro caos, a que os conservadores chamam anarquia, e que nós, avançados, classificamos de derrocada da civilização burguesa.

Que a queda estava próxima, mas próxima do que muita gente julgava, já nós o sabíamos. Mas que os governantes e as forças que os apoiam a precipitam da maneira porque o estão fazendo é que não era legítimo esperar. A verdade é que as traficâncias do comércio e a cumplicidade dos governos conduziram-nos à beira do precipício.

A situação de hoje é angustiosa, insuportável mesmo. E quando o povo não pode viver revoltar-se. Os governos devem saber isto. É uma lição elementar que se tira da história. No entanto a burguesia, apesar do saber, não hesita em lançar na miséria o povo que a sustenta, que lhe dá todas as comodidades, todos os gosos.

Poderia ainda a burguesia travar, por momentos, esta corrida vertiginosa para o seu aniquilamento? Não. Os seus dias estavam contados. Criou uma engrenagem destrutiva e ela própria será apinhada por essa engrenagem.

As causas da miséria

As causas da actual miséria do povo são múltiplas. Muita gente diz que a guerra é a sua única origem. Mas não é assim. A guerra não foi senão a primeira consequência das ambições que a sociedade capitalista provoca.

Essa consequência transformou-se no cataclismo que originou a derrocada da estabilidade aparente das nações. Tudo ficou desmantelado. As mobilizações arrancaram à terra e à oficina milhões de braços. O militarismo absorveu todas as energias, desgarrneceu as fileiras do povo, enfraquecendo-as. As epidemias completaram a obra de destruição. E o comércio, aproveitando o momento, desenvolveu-se na sociedade como um micrônio mortífero que destrói um corpo sô. Grande número de homens viu no comércio maneira excelente de viver sem produzir; o exército comercial arrancou à agricultura e à indústria todas as energias, conduzindo-nos assim à ruína absoluta.

O ambiente de imoralidade cresceu, arrastou ao crime milhares de indivíduos. E a sociedade mercantilista teve necessidade de se rodear de guardas que lhe garantissem as extorsões — e fô-lo entre nós, aumentando escândalosamente os efectivos da guarda republicana.

As forças vivas

Em face da debilidade em que o país se encontra, logo surgiram de todos os lados os gritos alarmantes. Era necessário combater essa debilidade. Como? Toda a gente sabe que remédio se deve aplicar a uma nação que deixa improductivas as suas riquezas: proveitá-las, aumentar a produção.

A burguesia, sabendo que não podia ocultar a falta de gêneros, porque toda a gente a sentia, gritou também que era ne-

cessário aumentar a produção. Mas não passou de palavras, porque cada vez é maior o número dos que nada fazem, vivendo à custa dos que trabalham.

A legião dos ociosos aumenta e essa legião todavia que mais clama pelo aumento de produção, no intuito de fazer trabalhar os outros mais do que lho permite o seu visível depauperamento.

São essas forças improductivas que se dizem *forças vivas*; são elas que não trabalhando recomendam trabalho aos outros, e igualmente procedem os ministros, os deputados, o comércio e a moagem.

Realmente só o trabalho pode resolver a grave situação. Mas não é o nosso trabalho apenas, do qual se apoderá meia dúzia de indivíduos. Será o nosso trabalho e o deles, isto é, o trabalho comum irmamente aproveitado.

Que fazem os governos?

Todos os governos, absolutamente todos, tem assistido impasíveis à imoralidade, à roubalheira. Longe de tomarem medidas que a evitem, chegam a colaborar com a própria burguesia, o que nos não admira, porque desta saem todos os governos.

Visto que é de produção que o país necessita, que tem feito os governos para a aumentar? Tem tomado alguma medida tendente a obrigar os lavradores a não deixar a terra improductiva? Tem contribuído para o desenvolvimento das indústrias? Não. Limitam-se a aumentar a burocracia, deviando-las indústrias energéticas preciosas, fabricam leis que permitem ao comércio toda a casta de traficâncias; quando querem obrigar o comércio a vender os poucos produtos existentes, por preços mais baixos, arranjam tabelas que originam o assabancamento total dos gêneros essenciais à vida. E esta inépia, esta cumplicidade com os de cima, aumentam o mal estar do povo, levando-o à revolta. Neste caso adoptam, então, medidas *radicais*: colocam um peletão de gás a cada esquina e fuzilam o povo!

Os resultados

Os resultados são bem visíveis. Quando não há subsistências, cria-se um ambiente dissidente. Muitas mulheres, cuja férula não lhes chega para o sustento, enveredam pelo único caminho que se lhes depara livre, carreirar que o Estado lhes garante mediante um imposto — da prostituição, e os gêneros, cada vez mais escassos e mais caros, tornam-se o tormento dos lares.

Pouco a pouco foram faltando todos os gêneros: o feijão, o arroz, a banha, a manteiga, o carvão, o azeite, etc. Restava um gênero apenas, que, embora não satisfizesse, se ia suportando: era o pão.

E o governo, de brago dado com a Moagem, resolveu dificultar a compra do pão, o único alimento que ainda se podia comprar.

Criaram-se os dois tipos, na firme intenção de apenas nos venderem o mais caro. E assim sucedeu. Já ontém o pão de segunda.

A burguesia, sabendo que não podia ocultar a falta de gêneros, porque toda a gente a sentia, gritou também que era ne-

Em Spa Ouvindo os delegados alemaes na Conferência de Spa sustentar que tinham necessidade dum forte exército para manterem a ordem no interior do seu país, Lloyd George, num improvisado fórum democrático, gritou-lhes que não compreendia como é que um governo queria ter à mão um grande número de espingardas para as dirigir contra o seu próprio povo.

A isto respondeu-lhe o ministro alemão Von Simons, que em iguais circunstâncias estavam muitos outros países da Europa, e que, por exemplo, na Irlanda as espingardas estavam desempenhando um papel importantíssimo na política do governo inglês.

Lloyd George ouviu mas nada replicou.

Para traz... Em Kattowitz (Alta Silésia) atacou com bombas de mão cortejo de operários, que se manifestavam contra a passagem de material de guerra por essa província. Vários conflitos tiveram lugar, depreendendo-se disto a existência de qualquer plano insurreccional.

Consolam-nos estas manifestações de solidariedade, que nos veem atentos, mais do que nunca, fustigar com denúncia essa camilhar que pretendem assasinar-nos.

Publicamos mais uma nota dos protestos recebido

Colectividades que protestam

O Sindicato dos Operários Alfaletes do Porto, em assembleia geral extraordinária para traçar o assalto à *Batalha* e sobre a forma de auxiliar, resolvem protestar energicamente contra o seu atentado e contribuir com um dia de salário.

Da União das Costureiras do Porto recebemos o seguinte ofício:

Presados camaradas — Perante o assalto canibalesco feito ao órgão do proletariado português e praticado por governos que se aninham à sombra da bandeira vermelha, dizendo-se defensores dum regime democrático, não podia a União das Costureiras do Porto deixar de lavrar o seu mais veemente protesto contra tão repugnante acto, que mais nos veio revelar o quanto teve de retrógrado os seus membros, que se sentem saídos de si e os seus respectivos direitos e direitos de classe, e que se sentem ameaçados de tal tentativa de assassinato, desejamos que o baluarte dos trabalhadores portugueses continue no seu posto de combate, até à batalha decisiva.

Recebemos os nossos protestos da maioria solidariedade. — Saude e Revolução Social. — A Secretaria, Cândida Pinto da Rocha.

A Associação dos Trabalhadores rurais de S. Mamede comunica-nos que causou viva indignação no espírito dos trabalhadores daquela localidade o violentíssimo atentado, e, reunida a direcção, deliberou enviar o seguinte telegrama de protesto ao presidente do ministério:

Associação de Classe dos Trabalhadores

UM AUMENTO DE 100 %

E quanto vai ter a água

Aumentado descabeladamente o preço do pão, de estranharia seria que os perigosos governantes não aumentassem o da água, que é por igual uma substância indispensável em todos os lares. O aumento é apenas este: 100%, porque o metro de água passa de 20 para 40 centavos, conforme consta da seguinte nota, que nos chega da Arcada:

À comissão encarregada dos estudos do abastecimento da água na capital submeteu ontem à apreciação do ministro do comércio o projecto do decreto relativo aos elementos a fornecer à Companhia das Águas para realizar as obras necessárias para aquele fim e a atender as reclamações do pessoal. A comissão vai também apresentar ao ministro a *Vitória*, que repelirmos ainda que não corresponde a um sentimento hipócrita, habitualmente como estamos a tomar de responsabilidade das nossas atitudes ante quem quer que seja,

O que nestas colunas leais escrevemos é para todos lerem: o proletariado, a burguesia, os governantes e... a *Vitória*, que nos tem, segundo confissão sua, como barômetro...

Diz aquele jornal que o nosso artigo sobre a questão do pão é subversivo. Magazin-nos-ia o acoimasse de velharia, mas que o acha subversivo é-nos absolutamente indiferente, porque a crítica é livre.

Mas sempre lhe diremos que, quanto a nós, subversivo é o último decreto que restabelece os dois tipos de pão, por um preço altíssimo; subversivo é quanto a burguesia, a que a *Vitória* se presa de pertencer, tem feito desde a conflagração europeia ao assentamento.

Gostavamos nós que a patriótica *Vitória* nos provasse porque razão somos averiguadamente bolevidistas. Quanto à afirmação de sermos anti-patriotas, deixámos ela indiferente, ainda que isso pese ao referido jornal.

O que nos admira é que a *Vitória*, que tem indignado, se mostra com o nosso anti-patriotismo, nos arranjam uma pátria à pressa — a Rússia Vermelha.

Os intuios do agitado articulista são, de facto, os de agitar a multidão e não temos dúvida em confessá-lo, mas os de agitá-la contra uma medida governamental que só pode ser defendida por quem ainda bem comido ou é amigo da Moagem. Lamentável é que a patriótica *Vitória* não inclua entre o

O assalto à "Batalha"

Mais manifestações de protesto

Rurais de S. Mamede, reunida em sessão extraordinária, protesta energeticamente contra o assalto feito ao jornal *A Batalha*.

O Sindicato profissional das indústrias têxteis de Gaia, em assembleia geral, protestou contra as vilanias praticadas.

Da Associação dos Manipuladores de Borracha de Lisboa recebemos um ofício comunicando-nos que um grupo de sindicatos realizou uma queute que rendeu 20\$30 para auxílio de *A Batalha*, fazendo votos para que o ultraje recebido, a classe operária que tam bem soube manifestar-se unida contra a horde de saudeiros e malfeiteiros, continuou mais e mais unida para em breve deruirmos a tirania.

Também a Associação dos Trabalhadores Rurais de Ervilhe nos envia o seu protesto, bem como o Núcleo da Juventude Sindicalista da Indústria de Calçado, Couros e Peles, de Lisboa.

Um grupo de operários da Papelaria e Tipografia Azevedo, do Porto, exterioriza a sua repulsa pelo atentado, enviando-nos também a quantia de 7\$20 duma queute entre eles aberta.

O camarada Manuel de Almeida, nosso correspondente em Oeiras, envia-nos o seu protesto, participando-nos que uma grande parte dos operários da construção civil da localidade abandonou o trabalho por 24 horas quando da greve geral de protesto.

Também o camarada António Eduard Baptista, de Portimão, protesta e nos felicitou por saímos ilesos do atentado.

António Martins Godinho, ferroviário da C.P., e Francisco António Cardelias, de S. Domingos, enviam-nos os seus protestos de solidariedade; Edmundo dos Santos Pacheco, preso na cadeia de Loulé, diz mais cedo não enviar o seu protesto porque na véspera do atentado fôra vítima dum bárbaro assalto por quatro membros da *briosa*, em virtude de afirmar que o rancho servido na prisão estava incapaz de ser comido; e Manuel Lopes Cardoso Claro, preso na sala 2, da cadeia da Relação do Porto, significa o seu veemente protesto contra a violência de que foi vítima.

Recebemos o seguinte telegrama da maioria solidariedade. — Saude e Revolução Social. — A Secretaria, Cândida Pinto da Rocha.

A Associação dos Trabalhadores rurais de S. Mamede comunica-nos que causou viva indignação no espírito dos trabalhadores portugueses daquele localidade o violentíssimo atentado, e, reunida a direcção, deliberou enviar o seguinte telegrama de protesto ao presidente do ministério:

Associação de Classe dos Trabalhadores

Provocação à desordem

Sob este alarmante título, referia-se ontem à *Vitória* a um artigo — publicado por um jornal sindicalista — cujo nome não quis citar — para não atrair sobre esse jornal a atenção dos poderes públicos... Intenção benemérita é a da *Vitória* não querendo citar *A Batalha* porque foi afinal *A Batalha* que publicou o tal artigo subversivo. Nós, porém, não precisamos da protecção de *A Vitória*, que repelirmos ainda que não corresponde a um sentimento hipócrita, habitualmente como estamos a tomar de responsabilidade das nossas atitudes ante quem quer que seja,

O que nestas colunas leais escrevemos é para todos lerem: o proletariado, a burguesia, os governantes e... a *Vitória*, que nos tem, segundo confissão sua, como barômetro...

E intervém da força armada nos conflitos que a burguesia provoca não lhe inspiram diatribes. Acha-a até natural, porque quem comete tantas provas não tem maneira de se defender sem com a força armada.

E, quanto à tirada final, aguardamos a tal troca de... palavras, na certeza de que não ficaremos estacados...

Na Alemanha

Três livros brancos sobre a Alta Silésia

BERLIM, 8. — O governo alemão prepara actualmente três livros brancos acerca da Alta Silésia. O primeiro tratará da descrição autêntica dos actos ultrasocialistas e assassinatos cometidos pelos polacos rebeldes; o segundo aduzirá provas de que parte das tropas inter-aliadas na Alta Silésia não sómente não tomaram medidas contra os insurretos, mas ainda nalguns lugares abertamente apoiaram os bandos polacos.

O terceiro livro branco tratará dos partidos polacos para organizar rixas. O material é tirado principalmente das notas polacas que foram tomadas a um emissário de Korfany quando atravessava ilicitamente a fronteira.

O rádio.

As 8 horas de trabalho

Operários que desrespeitam essa regalia

Tendo constado a alguns operários da construção civil que diversos colegas seus trabalhavam fora do horário num obra da Ponte Nova, foram ontem convocados a respeitar o horário de trabalho, ao que elas não accedem devido ao justo preço — que é de 1\$00 pelo metro de 2,º como determinado fôra pelas autoridades, quando este desapareceu, apesar de o terem visto alli em quantidade.

A polícia aí esteve e os operários que desrespeitam essa regalia

Contra o decreto do pão

Escasseou ontem em quase todas as padarias o pão de segunda

com a condição de não relatar o facto
a Batalha...
Que tal está o polícia?

Federação do Livro e do Jornal

Na sua reunião de ontem o secretário protestou contra a adopção dos dois tipos de pão e seu exorbitante preço, resolvendo agir em conjunto com as outras classes proletárias no sentido de por alguma forma atenuar a precária situação económica do operário.

Federação do Calçado, Cozidos e Peles

Na reunião do Conselho Federal, realizada ontem, aprovou-se o decreto que condena os trabalhadores a não poder consumir o principal alimento, resolvendo secundar o movimento que a C. G. T. leva à prática para combater o tirânico decreto.

Federación marítima

Em virtude da Nova Companhia Nacional de Moagem estar prejudicando o público com o regime infame dos dois tipos de pão caro, a Federación Marítima resolveu na sua última reunião declarar boicotagem a todas as cargas e descargas da referida Companhia.

Vai à mesma Federación fazer a máxima propaganda contra o aumento de pão, porquanto os marítimos não possuem dinheiro para o comprar, nem paciência para se sujeitar ao vexame das bichas.

Os marítimos esperam que a opinião pública se manifeste fortemente, para iniciar a boicotagem ao carregamento de cereais, lenha ou carvão para todas as fábricas de moagem.

Sindicato Único Mobiliário

A comissão administrativa do Sindicato Único Mobiliário dirige a seguinte nota aos sindicatos:

«Após as miséficas condecoradas, conseguiram a Moagem e os seus cúmplices ver satisfeitos os seus objectos desejados, por meio do vexatório decreto que o governo, sempre contemporizador com os altos magnates, acaba de pôr em vigor.

A mais cara aspiração do proletariado — o tipo único — cedou. Conquistou ele não satisfizesse em qualidade, era preferível ao novo regime. Mas a Moagem tratou sistematicamente de guerrear essa aspiração.

Em pruça desta monstruosidade, atentatória ao direito de existência, pois ela vem colocar-nos na contingência de só comermos pão, pois os nossos salários apenas chegarão, e escassamente, para o obter, o que representa a fome dos nossos filhos, chegou, por consequência, a hora de substituirmos os protestos pláticos pela ação positiva.

Impossibilitado este organismo de convocar uma sessão para resolver o caminho a seguir, porquanto a isso se opõem os trabalhos inadiáveis do Congresso, a comissão administrativa aconselha os sindicatos a manter a máxima unidade de vistos em presença do movimento que a C. G. T. tende a levar a efeito para o restabelecimento do tipo único de pão, acessível a todas as bolas e de boa qualidade.

Independentemente desta manifestação aconselha ainda a mesma comissão, a quando faltar o pão de segunda, que os sindicatos adquiram o de primeira pagando-o pelo preço de segunda! Abaixo os dois tipos de pão caro!

Sindicato Único da Construção Civil

O conselho administrativo deste Sindicato, tendo reunido ontem, e aprovando o decreto que condena a morte de fome as classes trabalhadoras, decretou feito decretar por criaturas a quem a miséria ainda não bateu à porta, pois que vivem do produto do trabalho honrado das classes produtoras, decreto esse que elevou de uma forma extraordinária o custo do pão, principal alimento das classes, que devido à exiguidade de salário não se podem alimentar de iguarias, resolvem convidar todos os operários da indústria da Construção Civil a assistir a uma reunião magna que hoje pelas 21 horas se realiza, para se deliberar o caminho a seguir em face de tam grande roubo feito à bôla dos produtoras, com a cumplicidade dos autores do citado decreto. A todos os camaradas se lembra a necessidade de se fazerem acompanhar de suas companheiras, pois que são elas ainda as mais sacrificadas com o decreto do aumento do pão devido a ser o seu alimento primacial e dos filhos.

Corticeiros de Lisboa e S. U. Metalúrgico

Com enorme concorrência reuniram a Secção do Poco do Bispo de Corticeiros de Lisboa e a secção do Sindicato Único Metalúrgico, da mesma localidade.

O camarada Júlio de Matos referiu-se com viva indignação contra o decreto da fome, condenando as bichas. Recomendou que deve haver de parte dos chefes de família a maior relutância em enviar as suas companheiras e os seus filhos para a imoralidade das bichas.

Falaram ainda vários oradores condenando o aumento e os dois tipos de pão, tendo-se assentado em esperar pelas resoluções da C. G. T., que esparam com ansiedade.

Manipuladores de borracha

Reunião hoje éste sindicato, pelas 18 horas, para apreciar o último decreto que aumenta o preço do pão, esperando que a classe compareça no seu máximo número.

Em Almada

A União dos Sindicatos Operários realiza hoje um comício

A U. S. O. de Almada convida o povo a concorrer a assistir ao comício do protesto contra o aumento de preço do pão, e escasso abastecimento de água.

O comício efectua-se às 20 horas no Jardim da Piedad, a 8 de outubro assistir delegados da Confederação Geral do Trabalho e das Federações Nacional da Construção Civil e Corticeiros.

U. S. O. de Almada

••••• Pessoal telegrafo-postal

São atendidas essas reclamações

Foi ontem assinado o decreto que satisfaaz as reclamações do pessoal dos correios e telegrafos.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

O assalto fez aumentar no povo trabalhador o amor pelo seu órgão. Todos querem prestar à Batalha a sua solidariedade e, como a maneca mais eficaz de manter é auxiliando-a, o proletariado, durante estes últimos tempos tem-nos trazido os seus donativos que vão a pouco e pouco formando um quantioso considerável.

As importâncias sucedem-se, o que é bastante animador, pois indica que o operariado deseja que a Batalha viva para o defender dos ataques dos de cima, que não são poucos.

Damos a seguir nota das quantias recebidas que, uma vez de posse da Batalha, se transformam em autênticas munições, com que sustentarmos a batalha tremenda com a ordem burguesa.

Transporte..... 11.058,50

Antero Fernandes..... 500

António Correia..... 1000

Sanches José Pereira..... 1000

Manuel António Fernandes..... 1000

Abel Andrade..... 1000

João Lourenço..... 1000

Alberto da Silva..... 1000

João Miranda..... 1000

Quadro Tipográfico de A Batalha — produto da composição do suplemento ao n.º 509..... 10478

José Sousa Reis..... 1000

Dois Coração eira da C. M. de Lisboa..... 2000

Jeremias Pinto Rose..... 1000

Bernardino José Janerinho (ferroviário)..... 1000

A. Morais (ferroviário)..... 1000

J. C. G. T. (ferroviário)..... 1000

M. Monteiro (ferroviário)..... 1000

A. Fonseca (ferroviário)..... 1000

Quete aberta no Sindicato Metalúrgico na sessão do protesto..... 15459

Feliciano Fernandes..... 1000

Quete em S. Paio (Gouveia) — contribuintes..... 1000

Jose Marques..... 2000

Jose dos Santos Alegre..... 1000

João Luis Soares..... 2000

Alberto Lourenço..... 1000

Júlio Oliveira Meca..... 1000

Francisco de Oliveira Nascimento..... 1000

Quete em S. Paio (Gouveia) — contribuintes..... 1000

Mário de Oliveira..... 2000

Paulo Cabral..... 1000

José Cabral..... 1000

Manuel A. Cabral..... 1000

Abílio de Oliveira..... 1000

Alvaro D. de Oliveira..... 1000

António Pereira..... 1000

Um amigo de A Batalha..... 1000

Vicente Saravia..... 1000

Alberto A. Pina..... 1000

Sebastião G. Cabral..... 1000

Eduardo Almeida Sesa..... 1000

António C. Saravia..... 1000

António G. de Oliveira..... 1000

Joaquim Pedro..... 1000

Manuel Mendes Ribeiro..... 1000

Alfredo Abrantes..... 1000

Manuel Roma..... 1000

Quete aberta na obra Grandela, Rua do Carmo — contribuintes..... 1000

João de Brito..... 1000

Epifânio..... 1000

Benjamim..... 1000

Jose Lira..... 1000

Manuel Garcia..... 1000

José Ferreira Lopes..... 1000

Manuel Lira..... 1000

Armando Alves..... 1000

António Machado..... 1000

João Lages..... 1000

Alvaro Nunes..... 1000

João Duarte..... 1000

António Rodrigues..... 1000

Ricardo Lopes Antunes..... 1000

António Pereira..... 1000

Manuel Carvalho..... 1000

Lúcio Santos..... 1000

Adelino S. Esteves..... 1000

Borralho..... 1000

João Pereira..... 1000

João Vicente..... 1000

Joaquim Silva..... 1000

Armando Moreira..... 1000

António Lopes..... 1000

Abel Teixeira..... 1000

António Rodrigues..... 1000

Eduardo Mercês..... 1000

Um anónimo que dá pelos carpinteiros que não deram..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão dos trabalhos pela nova secção metalúrgica, reunião de 20 horas, para ouvir a comissão de assuntos importantes e de interesse para a classe, que devem comparecer..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal — Para continuacão da secção..... 1000

Secção do Seixal